

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

VERBO

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

4

VERBO

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Direcção**

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

ANÍBAL PINTO DE CASTRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)*

GLADSTONE CHAVES DE MELO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

MARIA APARECIDA RIBEIRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**Secretaria-Geral**

A cargo do  
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo  
sob a direcção de João Bigotte Chorão

propósito de algum tema de actualidade, a que não escapa um costumeiro anti-semitismo, ou circunstância específica do quotidiano administrativo (pedidos de despachos desfavoráveis por parte de juízes e notários).

Sem evidenciar uma cultura literária profunda, A. B. P. revela-se um poeta engenhoso, com bom domínio de registos poéticos e fluidez de composição.

BIBLIOGRAFIA: Isabel Almeida, *Obras de Alvaro de Brito*, Lisboa, 1998; Teófilo Braga, *Poetas Palacianos do Século xv*, Porto, 1871; Margarida Vieira Mendes, «Álvaro de Brito Pestana», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. e coord. de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa, 1993.

José Camões

## PETRARCA

A recepção da obra de Petrarca (Arezzo, 1304-Arquà, Pádua, 1374) na literatura portuguesa é um fenómeno caracterizado pela sua vastíssima incidência, que assume profundas repercussões no âmbito dos mais diversos géneros, em particular ao longo dos períodos clássicos, quer no domínio das letras em vernáculo, quer no domínio das letras novilatínas.

O interesse despertado pela personalidade literária de Francesco P. é documentado pelos dois códices, outrora pertencentes à Biblioteca de Alcobaça e hoje depositados na Biblioteca Nacional, onde foram transcritos, em finais do séc. xv, o texto incompleto do tratado *De remediis utriusque fortunae* (item 71/CCLXV) e os *Psalmi poenitentiales* (item 387/CCLXI). Mas recorde-se, para além disso, que nas bibliotecas portuguesas se encontram representadas não só as mais ancestrais impressões dos *Opera*, entre a *princeps* de 1496 e as sucessivas edições quinhentistas, como também um considerável número de edições dos *Triumph* e dos *Rerum vulgarium fragmenta* batidas ao longo de todo o séc. xvi.

As primeiras referências das letras portuguesas ao vate de Arezzo ilustram bem a facilidade com que se processa a adaptação do teor da sua obra ao contexto nacional. Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*, evoca a autoridade de P. a pro-

pósito da desobediência dos filhos a seus pais, citando a *Fam.* 8. 1., uma das suas mais comoventes epístolas latinas. Para os anónimos autores (ou anónimo, caso o autor seja comum) do *Bosco Deleitoso* e do *Orto do Esposo*, P. é uma referência tão próxima que é simplesmente nomeado como Francisco. Estes tratados, que remontam ao início do séc. xv ou a finais do século anterior, seguem muitos passos do *De vita solitaria* e do *De remediis*. Mas recorde-se, além disso, que também na *Virtuosa Benfeitoria* encontramos ecos do *Secretum*.

Pelo que diz respeito à poesia petrarquiana escrita em língua vulgar, tudo leva a crer que fosse conhecida por vários dos colaboradores no *Cancioneiro Geral*. No entanto, a vitalidade do substrato peninsular não corroborava uma adesão imediata ao novo padrão vindo de Itália. Apesar de o tema da natureza ser tratado com finura, o ambiente conceptualizante que domina o Cancioneiro de Resende instaura uma atmosfera de distanciamento que não propicia a expressão da intimidade do sujeito lírico. Também na *Menina e Moça* se encontram representados vários temas petrarquistas, sem que a exploração dos meandros da interioridade siga, porém, as vias rasgadas pelo poeta italiano. Mas é Bernardim o cultor da primeira forma poética inspirada em P., a sextina «Ontem pos-se o sol e a noute», ainda vazada em medida velha. Com Sá de Miranda, o poeta italiano torna-se um ponto de referência fundamental no âmbito da expressão de concepções amorosas de índole substancialmente diversificada. Além de ter escrito uma sextina, também ela em redondilha, Miranda foi o introdutor da canção petrarquista. As duas canções que dedicou à Virgem, uma das quais tem por modelo a última composição dos *Fragmenta*, situam-se na origem de um vasto filão poético do culto mariano, representado por Diogo Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, D. Manuel de Portugal, ou Baltasar Estaço.

Se as poéticas do Renascimento e do Maneirismo advogam o valor modelar de um conjunto de obras e de autores que

se distingue pela sua excelência, P. erige-se, indubitavelmente, em mestre supremo da expressão do sentimento amoroso. Toda a renovação do lirismo português de Quinhentos se processou sob a égide do poeta italiano e dos seus sequazes. As rimas de António Ferreira e de Pêro de Andrade Caminha decalcam, a cada passo, situações, imagens e modos de dizer celebrizados pelo vate, cuja lição acaba por se estender a campos que extravasam o âmbito restrito do género lírico, como o bucolismo, o encómio, a comédia e a tragédia. O dinamismo dos processos de contaminação em causa (que envolvem quer o substrato peninsular, quer a poesia petrarquista espanhola e italiana, quer os grandes autores da Antiguidade, quer proeminentes vultos da literatura novilatina) marginalizou uma eventual tendência para a rigidez ou para a artificialidade imitativa.

No Maneirismo, P. é seguido de um modo mais livre, em consonância com a inquietude que caracteriza a cosmovisão deste período. A poesia portuguesa maneirista é perpassada pelo sentimento petrarquista de dissídio (↗Petrarquismo). As composições manuscritas, muitas delas anónimas ou de autoria incerta, que andam nos chamados «cancioneiros de mão», elaborados entre finais do séc. XVI e inícios do séc. XVII, mostram bem como o timbre dolente dos versos dos *Fragmenta* era congénere à sensibilidade literária da época. Neste contexto, distinguem-se os nomes de Luís de Camões, pela magistral análise do turbilhão de sensações contraditórias que avassala o sujeito, e Diogo Bernardes, em cujas páginas a expressão do dissídio desemboca numa doce e pungente atitude de resignação. É também ao longo deste período que se processa uma franca renovação da poesia escrita em medida velha (↗Medida Velha/Medida Nova), mercê da abertura a conteúdos e modelos retóricos de inspiração petrarquista. Na verdade, a produção peninsular não se encontrava ligada, na sua génese, à voga italianizante. Assim se compreende que este seja um domínio poético onde, por um lado,

a lição de P. tardou a frutificar e, por outro, germinaram os primeiros sinais de uma reacção à fama do poeta que depois se prolongou pelo Barroco. Aliás, não se esqueça que o seu exemplo assumiu igualmente vastas implicações no plano da civilização e do comportamento, como o mostram as críticas desferidas por Camões, numa carta escrita da Índia, contra os excessos a que levou uma imitação cega no plano dos costumes.

No campo da prosa de tema moral e edificante, P. continuou a ser, ao longo de todo o séc. XVI, uma referência modelar, conforme mostra o *Espelho de Casados* (1540), de João de Barros. No clima pós-tridentino, os seus tratados suscitaram um vivíssimo interesse, bem patente nas páginas de *Imagem da Vida Cristã* (1.<sup>a</sup> parte, 1563; 2.<sup>a</sup> parte, 1572), de Fr. Heitor Pinto, do *Tratado en contra y pro de la vida solitaria* (publicado em Veneza em 1592), de Cristóvão da Costa, ou dos *Diálogos* (1589 e 1604), de Fr. Amador Arrais. Esta tendência encontra a sua correspondente no filão da poesia petrarquista de tema religioso.

Apesar de, durante o período do barroco, o valor da regra não ser particularmente enaltecido, enquanto tal, P. continua a desfrutar de uma posição relevante. A atracção suscitada pela expressão artificiosa de conceitos engenhosos terá por consequência, todavia, o declínio da atenção reservada ao sentido orgânico da sua obra. De outra forma, os *Rerum vulgarium fragmenta* continuam a erigir-se em repositório de imagens e de processos retóricos extremamente apreciados.

Mas quando, no Neoclassicismo, os movimentos de arcádia se propõem recuperar a pureza e o rigor da língua, instituindo critérios de bom gosto, o vate italiano afirma-se de novo como grande modelo da arte de compor poesia. Nas dissertações de carácter teórico, consagradas à discussão de temas literários, o seu nome é frequentemente evocado enquanto alto exemplo de fineza e elegância. Todos os grandes poetas deste período escreveram composições inspiradas em

P., que geralmente traduzem sensações muito apuradas. Neste sentido, é sintomático o lugar desempenhado pelo seu exemplo na passagem do Neoclassicismo para o Romantismo. Mas as críticas à voga petrarquista tecidas por Agostinho de Macedo, não raro em tom de paródia, nas páginas do *Motim Literário*, traduzem já o novo gosto romântico.

Os românticos não valorizam a lição formal de P., apesar de recuperarem muitas das situações líricas descritas nos *Fragmenta* para as desenvolverem de um modo próprio. Entretanto, do Romantismo aos nossos dias, são inúmeras as referências à obra e à personalidade literária de P. no âmbito dos mais variados contextos, caracterizadas, porém, pela sua índole disseminada.

Através de períodos ao longo dos quais é apreciado com maior (Renascimento e Maneirismo) ou menor interesse (Romantismo), P. é, nas letras portuguesas, uma referência constante. Todavia, a língua portuguesa é um dos poucos idiomas da Europa Ocidental no qual os *Rezum uulgarium fragmenta* não foram integralmente traduzidos. Neste âmbito, para além de alguns poemas dispersos, apenas há a assinalar a anónima tradução incompleta dos *Triumphs*, que é acompanhada por um comentário e remonta ao séc. XVI. É provável que, em épocas mais ancestrais, os seus escritos fossem lidos em versão castelhana. Mas esta situação faz-se sinal do tipo de relação directa que o público português desde sempre teria estabelecido com a obra de P.

BIBLIOGRAFIA: José V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, Lisboa, Paris, 1989; Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, 1994; Rita Marnoto, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo*, Universidade de Coimbra, 1997.

Rita Marnoto

## PETRARQUISMO

A designação de petrarquismo (e de petrarquista) tende hoje a ser utilizada para mencionar a actividade dos sequazes

de Petrarca (1304-1374), ao passo que o conceito de petrarquianismo (à semelhança do adjectivo petrarquiano) tem por referência, para a crítica especializada, o labor de Petrarca. Além disso, o uso da denominação petrarquismo para indicar exclusivamente a actividade dos imitadores da sua poesia escrita em língua vulgar de há muito foi refutado, com base em argumentos dotados da maior pertinência crítica. Na verdade, uma redução da incidência do P. a este único domínio implicaria a marginalização de vastíssimas áreas da cultura europeia que se prendem com a divulgação dos seus escritos em latim e com os estudos que levou a cabo no campo da filologia. Aliás, considerando a obra de Petrarca no seu conjunto, não é possível estabelecer nem fronteiras delimitadas, nem uma relação mecânica entre temas, idiomas, formas de expressão, modos e géneros, pois as diferentes facetas da sua portentosa actividade intelectual são animadas por um mesmo objectivo — o projecto humanista.

A vastidão do alcance do P. só poderá ser cabalmente entendida se tivermos em linha de conta a grandeza daquele que a justo título foi designado como o primeiro moderno. Petrarca conhecia os autores da Antiguidade, os grandes mestres da literatura medieval, a poesia provençal e toda a tradição italiana que o precedeu. Este manancial de fontes é trabalhado, porém, à luz de uma perspectiva crítica e pessoal, um labor que compara, na epístola *Fam.* 1. 8., ao da larva que segrega a seda a partir de si própria — *ex se ipso*. Mas, além disso, as suas páginas, pela limpidez conceptual e pela disciplina de arte clássica que as enformam, prestam-se a ser imitadas. Alguns críticos afirmam que o primeiro petrarquista foi Petrarca, tendo em linha de conta a frequência com que retomou temas e modelos expressivos cunhados por ele próprio.

Possuidor de uma das maiores bibliotecas privadas do séc. XIV, sagaz conhecedor dos clássicos e autor de lições textuais de Cícero e Tito Lívio, que conservam, ainda hoje, toda a sua pertinên-